

Espelho d'água do Memorial JK vira banheira de mendigo

D.F. Museu
CORREIO BRAZILIENSE

Flávia Sanches
Especial para o Correio

Se fosse extraída a imagem de fundo, a cena passaria despercebida no agitado cotidiano do Distrito Federal. Mas como a imagem foi registrada bem no templo de quem foi responsável por trazer todo o desenvolvimento e progresso para o Planalto Central, ela tem uma carga simbólica. Às 16h, debaixo de um sol forte, três mendigos que moram atrás do Museu do Índio não agüentavam mais o calor.

Olharam para o espelho d'água do Memorial JK e não pensaram duas vezes. Resolveram espantar o calor em grande estilo. Recostados em uma das paredes do tanque, esfumados de sabão, os três tomavam cachaça e assistiam aos jardineiros da Novacap trabalhar nos jardins da casa.

Já que ninguém havia perturbado a tranqüilidade dos três, as mulheres que também moram debaixo das mangueiras aproveitaram para lavar as roupas. Aquela altura, o espelho d'água tinha virado banheira pública.

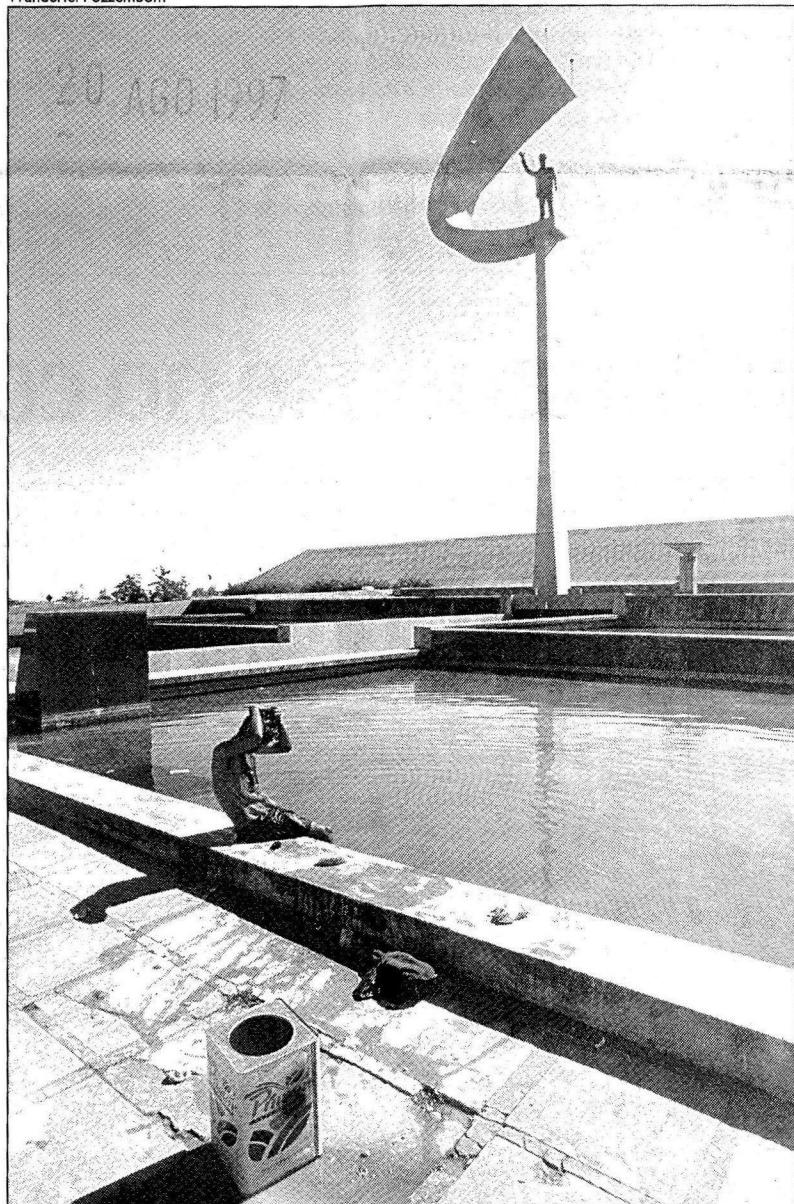
Depois de lavar as vestes da família, as mulheres nadaram, deram piruetas e fizeram "guerrinha" na água. Foi a gota para a paciência do chefe do Departamento de Pessoal do memorial, Marco Antônio Santos, 38 anos.

SEM SOSSEGO

Fazendo papel de administrador, Marco Antônio pediu auxílio à Polícia Militar. Só assim as mulheres saíram da água. Os ensaboados, já refrescados, tinham ido tirar seu cochilo embaixo de uma frondosa mangueira quando a polícia chegou.

"Desde que essa invasão está no Setor Gráfico, não tivemos mais sossego. Os mendigos incomodam os turistas, sujam o espelho d'água e comem os peixes do tanque. Já encontrei gente dormindo em cima da

Wanderlei Pozzembom



Mendigos e lavadores de carros usam Memorial JK para tomar banho

cúpula", reclama Marco Antônio.

Molhar a grama do jardim se tornou um problema para funcionários da Novacap. Toda vez que entram no gramado são xingados pelo grupo de pedintes. "Eles estendem as roupas na grama e não nos deixam regar o jardim. Um já saiu correndo com o facão atrás de mim. Disseram que não era proibido lavar roupa ali", conta Francis-

co Jacob Lopes, 50 anos.

O "coordenador da casa" reclama que dezembro do ano passado foi o último mês em que o Memorial teve um guarda designado para a segurança do local. "Já pedimos para a Secretaria de Segurança nos ajudar — e nada. Queria pelo menos um policial de dia e outro de noite, mas sei que é sonho", pede o administrador.